



# IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil

## “Educação e Contemporaneidade” 17 a 19 de setembro de 2015

ISSN 1982-3657



### ADULTIZAÇÃO INFANTIL E O POSSÍVEL DESAPARECIMENTO DA INFÂNCIA: PERCEPÇÕES TRANSDISCIPLINARES

CYNTHIA FERREIRA DE LIRA  
HUGO MONTEIRO FERREIRA

EIXO: 5. EDUCAÇÃO E INFÂNCIA

#### RESUMO

Este texto, excerto de nossa pesquisa do mestrado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Pernambuco, intitulada “A Infância em tempos de adultização: reflexões transdisciplinares”, apresenta os primeiros resultados da problemática estudada, a saber: Em tempos de adultização, como as crianças percebem a infância? A investigação, fundamentada em aportes teóricos transdisciplinares pretende responder a essa indagação de modo reflexivo. Com base nesse questionamento, selecionamos Elkind (2009), Winnicott (1982), Ferreguett (2009), Postman (2012), Sammerman (2002), Rondan (2000), Nicolescu (2000), Filho (2012), Carrilho (2013), Ariés (2014), Santos (2009), como parte teórica inicial referente ao embasamento dos nossos estudos.

Palavras-chave: Adultização; Infância; Percepções Transdisciplinaridade

#### ABSTRACT

This text excerpt from our master's research, linked to the Graduate Program in Education at the University of Pernambuco, entitled "Childhood in adultization times: transdisciplinary reflections", presents the first results of the problem studied, namely: In times of adultization, how children perceive childhood? The research, based on transdisciplinary theoretical contributions aims to answer this reflective mode of inquiry. Based on this question, we selected Elkind (2009), Winnicott (1982), Ferreguett (2009), Postman (2012), Sammerman (2002), Rondan (2000), Nicolescu (2000), Son (2012) Carrilho (2013), Ariès (2014), Santos (2009), as an initial theoretical part regarding the basis of our studies.

Keywords: Adultização; Childhood; Perceptions Transdisciplinary

#### 1. INTRODUÇÃO

Entendemos a adultização infantil como uma fragilização do sentimento de infância aludido por Ariés (2014), em seus estudos sobre sociologia da família e da criança. Conforme tais estudos, a infância e sua relação com a criança são ocorrências do período moderno, uma vez que, segundo Ariés, na Idade Antiga e na Idade Média, as crianças eram categorizadas como adultos miniaturizados e eram tratadas, por conta disso, de forma incongruente com seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e cultural.

No tempo medieval, não há indícios da existência da infância no cotidiano social, visto que adultos e crianças frequentavam os mesmos espaços rotineiramente. A invenção da infância surge simultaneamente quando a criança começa a ser vista como fonte de distração por sua “ingenuidade, gentileza e graça” (ARIÈS, 2014, p.100). Esse sentimento, inicialmente é de pertença das mulheres, das mães ou amas e faz referência ao domínio dos muitos sentimentos que não podiam ser expressados na época.

Para Postman (2012), a infância surge paralelamente com a criação das escolas, pois a partir do uso da prensa tipográfica[1] tornou-se necessária a compreensão dos códigos da leitura e da escrita. É certo afirmar que nos locais onde foram construídas mais escolas, o sentimento da infância desenvolveu-se de forma mais acelerada.

Com a construção do sentimento da infância, o mundo dos adultos e das crianças são separados na modernidade. A criação social desse sentimento negava a igualdade entre adultos e crianças, diferenciando-os pelo tipo de vestimenta, vocabulário, pelos gostos de uma forma mais abrangente, mas não notamos “que quase ao mesmo tempo, estavam sendo plantadas as sementes do fim da infância” (POSTMAN,2012, p.65).

Segundo Postman (2012), ocorrências contemporâneas apontam a existência de fortes indícios para o possível desaparecimento do sentimento[2] sobre o qual aludiu Ariés. Para Postman, a infância hodierna passa por uma crise que lhe põe em fragilidade identitária, uma vez que tal crise lhe remete a comportamentos adultizados. As crianças passam a expressar pensamentos e a ter atitudes que lhes conferem um estatuto comportamental muito similar ao dos adultos. Diante de situações cotidianas, percebemos que o comportamento infantil assemelha-se ao do adulto, reduzindo fronteiras historicamente construídas entre esses sujeitos.

Inúmeras razões nos chamam a atenção para o processo de adultização da infância. Santos (2009), compreende que “...o que temos é uma sociedade disponível para o consumo...”, espaço e tempo nos quais as vestimentas, a alimentação, o vocabulário, a sexualidade não são mais percebidos como indicadores para diferenciação das etapas da vida humana, logo não implicam linha divisória entre o que é da infância e o que é do adulto, considerando de mesmo modo.

A investigação do fenômeno da adultização infantil na contemporaneidade, está fundamentada por percepções transdisciplinares em nossos estudos, pressupondo uma realidade aberta, dialógica, ouvindo as vozes daqueles que historicamente representam a infância: as crianças. Optamos ouvir as vozes das crianças sobre o que seria a infância para elas, selecionando a faixa etária entre 4 e 5 anos de idade de crianças que fazem parte de uma instituição de ensino privado[3], localizada na região metropolitana da cidade do Recife.

Sendo as crianças historicamente indefesas, mas jamais tendo uma conduta ingênua, cremos que a oportunidade dada para falarem de si mesmas, nos dará a possibilidade de fundamentados nas percepções transdisciplinares, elaborar uma investigação que não se configura como uma nova montagem do adulto sobre a criança, mas as vozes das próprias crianças construirão junto conosco a pesquisa.

Metodologicamente, nosso estudo é de natureza etnográfica e estamos coletando dados sob a regência de três instrumentos: entrevista semiestruturada, observação participante e acompanhamento dos processos de ensino.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1. A ausência, a emergência, o desaparecimento da infância**

#### **1. A ausência**

Na história da humanidade, a criança sempre existiu, mas não podemos dizer o mesmo sobre a infância. Houve um tempo, no qual a ausência da infância estava evidente e as crianças eram tratadas como adultos em miniatura, “apenas o seu tamanho a distinguia” (ARIÈS, 2014, p.17).

No tempo Medieval, o círculo social dos adultos era o mesmo das crianças, todos estavam juntos e a fronteira definidora de uma possível diferenciação, passava pela crença de que o adulto sabia algo a mais que as crianças, e de que as crianças inexisteriam enquanto sujeitos de direito.

Conforme Ariès (2014), o mundo medieval era um mundo adulto. A representação da infância pela arte da época, nos mostra uma criança deformada, com músculos, sem nenhuma das suas peculiaridades infantis. “Não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzidos” (ARIÈS, 2014, p.18).

Na observação do período medieval, desconstruímos a ideia de que a criança sempre foi protegida. Nos deparamos com infanticídios, com a roda dos expostos, com abusos e abandono.

Na verdade, desde tempos imemoriais, sobrevivia apenas uma minoria dos bebês que nasciam e, queiramos ou não, no mais das vezes os que restavam eram os mais fortes e, sem dúvida, os que tinham melhor sorte, já que os adultos pareciam não se incomodar de forma alguma com as crianças (FILHO, 2012, p.19).

Como não existia uma consciência das particularidades infantis, “assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais

destes” (ARIÈS, 2014, p.99).

O mundo medieval era um mundo adulto e a criança um ser invisível. “De todas as características que diferenciam a Idade Média da moderna, nenhuma é tão contundente quanto a falta de interesse pelas crianças” (POSTMAN, 2012, p.33).

### **1. A emergência**

Na Idade Moderna, um novo sentimento surge para com as crianças. Segundo Ariès (2014), o sentimento da infância origina-se das mães e amas, daquelas que eram encarregadas dos cuidados para com as crianças. “A ama se alegra quando a criança fica alegre, sente pena da criança quando esta fica doente; levanta-a quando cai, enfaixando-a quando se agita e a limpa quando se suja” (ARIÈS, 2014, p.100).

Uma atmosfera em torno do novo mundo infantil é criada na modernidade. Um mundo “protegido” do cotidiano da vida adulta. É certo que, em sua maioria, esse sentimento da infância esteve restrito por muito tempo em torno das famílias burguesas ou nobres, mantendo “as crianças do povo, os filhos dos camponeses, conservando o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos” (ARIÈS, 2014, p.40).

O sentimento da infância, não tem o mesmo significado de apressamento pelas crianças, ele “corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem” (ARIÈS, 2014, p. 100).

Aos poucos a criança transforma-se em um sujeito de respeito, tendo a sua natureza diferenciada da do adulto, com necessidades específicas que caracterizavam as suas especificidades.

A emergência da infância é uma criação social humana. Esse sentimento separou o mundo adulto do mundo da criança, a infância é então um momento singular da vida humana. O conceito de infância alimentou as diferenças entre adultos e crianças, negando a igualdade de comportamentos nas diferentes etapas da vida.

### **1. O desaparecimento**

Segundo Postman (2012), ocorrências contemporâneas apontam a existência de fortes indícios para o possível desaparecimento do sentimento[4] sobre o qual aludiu Ariès (2014). Para Postman (2012), a infância hodierna passa por uma crise que lhe põe em fragilidade identitária. As crianças começam outra vez a ter similitudes comportamentais com os adultos e, mais uma vez, essa situação põe em xeque os direitos que foram historicamente assegurados desde a Declaração Universal dos Direitos da Criança, até a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente no Brasil.

As crianças passam a expressar pensamentos e a ter atitudes que lhes conferem um estatuto comportamental muito similar ao dos adultos. Diante de situações cotidianas, percebemos que o comportamento infantil assemelha-se ao do adulto, reduzindo fronteiras construídas entre esses sujeitos.

Narodowski apud Santos (2009) situa nos anos 90 uma crise conceitual da infância. Para ele, “não se trata de uma crise de vazio ou de ausência, mas de uma crise na qual a infância moderna morre”.

### **1. A adultização infantil na contemporaneidade**

#### **1. O que entendemos por adultização**

Compreendemos por adultização infantil, a reprodução do comportamento adulto pelas crianças, ou seja, a ausência da ambiência simbólica que deu vida à infância é desmontada e as crianças, novamente se portam e são vistas pela sociedade como adultos em miniaturas.

As crianças adultizadas têm o mesmo acesso às informações que os adultos, apresentando interesses pelos mesmos gostos e frequentando os mesmos círculos de convivência. “A adultização tem uma concepção de criança não diferenciada dos adultos na orientação social, na linguagem e nos interesses” (POSTMAN, 2012, p.138), dessa forma, a criança é transformada em uma metáfora do adulto.

Sendo um fenômeno social, a adultização infantil é reforçada por várias tendências e rouba das crianças uma etapa da vida que não volta mais, fazendo desaparecer um sentimento que custou ser construído pela humanidade.

#### **1. As razões de uma possível existência da adultização**

Algumas razões alimentam a ideia da possível existência da adultização na vida das crianças contemporâneas. “As evidências do desaparecimento da infância vêm de várias maneiras e de diversas fontes” (POSTMAN, 2012, p.134). Talvez as razões não estejam sendo percebidas pela sociedade e nessa ausência de percepção, a adultização é alimentada e a infância roubada. Se pararmos para observar, veremos que novamente as crianças começam a se portar como adultos.

Uma das razões para a adultização, é o fato de que as roupas infantis não são mais tão peculiares, tomando espaço na sociedade a nova ditadura da moda e dos padrões adultos sobre a infância. “O fato é que agora estamos passando pela reversão da tendência” (POSTMAN, 2012, p.142), praticamente está desaparecendo o que conhecíamos como roupas infantis, ou melhor, os itens infantis desaparecem.

Um outro elemento é o vocabulário. Ao ouvir palavras impróprias, as crianças reproduzem a linguagem e “aqueles segredos da linguagem adulta que chamamos palavrões são agora inteiramente conhecidos pelos jovens” (POSTMAN, 2012, p. 147).

A sexualidade, a alimentação, o entretenimento, as músicas, as brincadeiras, são razões que estimulam o processo de adultização das crianças. Há um fator que nos chama a atenção dentre tantos outros, talvez esse seja um dos mais influentes e menos visíveis entre nós: o consumo. As crianças consomem de igual modo ou mais do que os adultos.

Os itens simbólicos de apego para as crianças, como os brinquedos, começam a ter as suas funções modificadas pela sociedade do consumo. A grande oferta de produtos, gera o fácil e rápido desapego e futuramente, “as relações interpessoais podem caracterizarem-se pela superficialidade, consumismo e descartabilidade” (Jovchelovitch apud SANTOS, 2005, p.85).

De fato, muitas são as razões presentes na sociedade contemporânea que confirmam o desaparecimento do sentimento da infância, ou seja, confirmam a adultização. “As mudanças em nosso mundo simbólico estão levando à desagregação da ideia de infância” (p.66) e quando nos afastamos dessa ideia desenvolvida historicamente na sociedade moderna, o sentimento da infância desaparece.

### **1. A inter-relação adultização e escolarização**

Convém-nos admitir que “muitas escolas refletem a tendência contemporânea para fazer com que as crianças cresçam depressa” (ELKIND, 2004, p.76), inter-relacionando o fenômeno social da adultização nas suas práticas diárias.

Muitos compromissos desde bem pequenas envolvem as crianças em uma dinâmica estressante do quanto mais cedo melhor, e as escolas estão diretamente ligadas nesse processo. A educação escolar faz relação com o *status* familiar e as escolas de educação infantil, tornaram-se pré-requisitos de preparar as crianças para o futuro. “Hoje em dia, os pais se vangloriam não apenas das faculdades e das escolas preparatórias em que seus filhos estão matriculados, mas também das pré-escolas que eles frequentam” (ELKIND, 2004, p.67).

Há uma cobrança pela breve construção dos códigos linguísticos da leitura e da escrita, uma pressão para uma aquisição antecipada, não respeitando as etapas de desenvolvimento cognitivo das crianças. Na modernidade, a compreensão desse código era um rito de passagem ao mundo adulto e a antecipação na contemporaneidade, reflete caminhos trilhados pela adultização.

Com vistas à partilha compulsória das informações, ao acesso rápido e ilimitado de todas as formas de conhecimentos, a escola perdeu o seu sentido nascente de produtora de conhecimento, deixando os educadores confusos no que deve ser ensinado para as crianças.

Além disso, como a distinção entre infância e idade adulta tornou-se menos acentuada, como as crianças têm cada vez menos de conquistar a idade adulta, como cada vez menos há qualquer coisa que elas têm de vir a ser, a natureza compulsória da escolarização começa a parecer arbitrária (POSTMAN, 2012, p.154).

Pensar no processo de adultização como uma preocupação de debates entre educadores, é refletir sobre a própria escola infantil e a sua real função educativa. Para Illich apud Postman (2012), quando desaparece a infância, desaparece também as escolas. Não precisa escrever um livro sobre isso: basta esperar.

### **1. As percepções transdisciplinares: quando a infância tem voz**

Consideramos a transdisciplinaridade como principal base teórica na percepção do pensamento infantil e de todas as relações contextualizadas que o constroem. Por ela, para se conhecer o sujeito é preciso perceber o que está entre, além e através das suas correspondências não apenas consigo mesmo, mas com os outros e com o mundo.

Sendo uma teoria do conhecimento, a transdisciplinaridade dialoga com as diferentes áreas do saber, ela é uma nova atitude, uma nova forma de ser e agir, formada pelo diálogo constante entre as partes e o todo.

Ela implica numa postura sensível, intelectual e transcendental perante si mesmo e perante o mundo. Implica, também, em aprendermos a decodificar as informações provenientes dos diferentes níveis que compõem o ser humano e como eles repercutem uns nos outros (Mello apud Sammerman, 2002, p.10).

O pensamento da criança é naturalmente transdisciplinar, ele está entre, além e através da própria realidade, ou seja, o pensar infantil comporta a abertura da aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. Ao sofrer as intervenções externas, a criança sai da naturalidade e ingressa na razão que separa. Esse movimento é um movimento imposto às crianças e não um movimento natural.

Há algum tempo, permanecemos mantendo a ideia da separatividade. Aprendemos pelas disciplinas e adquirimos desenfreadamente os conhecimentos lançados na breve escala da produção contemporânea. “Como se explica que quanto mais sabemos do que somos feitos, menos compreendemos quem somos?” (NICOLESCU, 1999, p.1). Estamos sem tempo de pensar no que acontece na infância do tempo presente, pois talvez a nossa preocupação esteja em um futuro distante e incerto.

Pelas ideias transdisciplinares, pensar no outro implica num olhar sobre nós mesmos. Uma sociedade que parte desse entendimento, não percebe a adultização infantil como um fato separado, mas consegue identificar as suas repercussões em outros agentes sociais. Na verdade, consegue-se ver a totalidade da qual todos nós fazemos parte e a importância do diálogo aberto, tanto para com adultos, quanto para com as crianças enquanto sujeitos de direitos.

De fato, o que é comum em todos os tempos históricos é que sempre a criança é mantida sobre a ótica do adulto. Não as ouvimos. “Certamente, assediamos nossas crianças com algumas das exigências emocionais, intelectuais e sociais dos adultos, mas ao mesmo tempo as tratamos como meras crianças” (ELKIND, 2004, p.51), sempre moldando e atendendo as necessidades dos adultos.

Optar por ouvir as crianças é validar a percepção transdisciplinar multidimensional, recuperando o seu lugar e sua verticalidade, utilizando o imaginário como passo para associação entre ela e o universo. “Quando o imaginário se deixa penetrar pela inspiração, ele se transforma em visão” (RADON, 2002, p.37) e bem sabemos o quanto a criança faz uso do imaginário na compreensão de si mesma e do mundo como um todo.

## 1. MATERIAL E MÉTODO

Como parte da pesquisa maior, utilizaremos a abordagem qualitativa pela investigação da pesquisa-ação, caracterizando um estudo etnográfico na vivência direta do pesquisador com os sujeitos. O levantamento bibliográfico é parte do primeiro momento e, posterior e paralelamente, o início da pesquisa de campo. Optamos por ouvir as vozes de crianças na faixa etária entre 4 e 5 anos de idade, que fazem parte da educação infantil de uma instituição privada de ensino na cidade do Recife, acerca da própria infância, buscando encontrar subsídios para a construção de uma inserção social configurada pela Análise do Discurso das próprias crianças.

## 1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Estamos numa fase de revisão de literatura sobre o tema em estudo e os primeiros dados teóricos nos levam à conclusão de que o processo de adultização da infância tem ocorrido sob a regência de uma sociedade extremamente capitalista, voltada para a ideia de consumo e de poder monetário. As crianças, como assinala Elkind (2004), tornaram-se pequenos adultos, repletos de compromissos, impedidas de viverem espaços de tempo livre e lúdico. Percebemos que a escola, mais precisamente a escola que tem a Educação Infantil, ignora o que fazer diante do fenômeno.

Numa perspectiva de análise fundamentada na lógica da transdisciplinaridade, o fenômeno de adultização através dos seus indicadores tem raízes numa visão de mundo diferenciada da visão de mundo da ludicidade infantil. Nesse sentido, talvez, se as escolas de educação infantil, no trato sobre as questões da adultização considerassem uma epistemologia e uma metodologia transdisciplinar no trato com os trabalhos pedagógicos e as ações pedagógicas, o processo de adultização pudesse ser revertido.

Inicialmente, é o que temos a dizer sobre a questão estudada. Acreditamos que avançaremos mais à medida que a pesquisa for mais aprofundada e os dados coletados forem analisados acuradamente sob a influência dos aportes teóricos pretendidos nessa investigação.

## 1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÉS, Phillippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

- ELKIND, David. **Sem tempo para ser criança: a infância estressada**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- FERREGUETT, Cristhiane. **Criança e propaganda: os artifícios linguísticos e imagéticos utilizados pela publicidade**. São Paulo, Baraúna, 2009.
- FILHO, José Martins. **A criança terceirizada: os descaminhos das relações familiares no mundo contemporâneo**. São Paulo: Papirus, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Edições 70, 2013.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bretand Brasil, 2006.
- NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: Triom, 1999.
- POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.
- SAMMERMAN, Américo (org). **Educação e transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 2002.
- SANTOS, Andréia Mendes dos Santos. **Sociedade do consumo: criança e propaganda, uma relação que dá peso**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

---

[1] Postman (2012), descreve a criação da prensa tipográfica como um rito de passagem do período medieval para a modernidade. Ao surgir um novo adulto letrado, a idade adulta precisava ser conquistada. “Portanto a civilização europeia reinventou as escolas. E, ao fazê-lo, transformou a infância numa necessidade” (POSTMAN,2012, p.50).

[2]Postman (2012), faz uso do termo “desaparecimento da infância”, apontando em seus estudos evidências que promovem a desmontagem do conceito de infância na contemporaneidade.

[3]Selecionamos como campo da nossa pesquisa uma instituição de ensino privado, que atende especificamente a Educação Infantil (foco do nosso interesse), devidamente autorizada para funcionamento pelo Conselho Municipal de Educação/SEDUC (Recife-PE), considerando o Art. 18º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, que trata da organização dos sistemas municipais de ensino, mencionando no seu inciso II, as instituições de educação infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada

[4] Postman (2012), faz uso do termo “desaparecimento da infância”, apontando em seus estudos evidências que promovem a desmontagem do conceito de infância na contemporaneidade.

Aluna do Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte

liracynthia@hotmail.com

Prof. Dr. Orientador do Programa de Pós-Graduação no Mestrado Profissional em Educação da Universidade de Pernambuco / Prof. Adjunto na Universidade Federal Rural de Pernambuco

hmonteiroferreira@yahoo.com.br

Recebido em: 05/07/2015

Aprovado em: 06/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: